

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 11/02/2021.

**JULIANA FRANCO ALVES-GARBIM**

**A voz de Mãe Beata de Yemonjá em Perspectiva:  
o (não) lugar das poéticas orais afro-brasileiras no mercado editorial**

**Assis  
2019**

**JULIANA FRANCO ALVES-GARBIM**

**A voz de Mãe Beata de Yemonjá em Perspectiva:  
o (não) lugar das poéticas orais afro-brasileiras no mercado editorial**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista (Unesp) para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Assis

2019

A474v

Alves-Garbim, Juliana Franco

A Voz de Mãe Beata de Yemonjá em Perspectiva: : o (não) Lugar das Poéticas Oraís Afro-Brasileiras no Mercado Editorial / Juliana Franco Alves-Garbim. -- Assis, 2019

288 p. : il., tabs., fotos + 1 CD-ROM

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Francisco Cláudio Alves Marques

1. Literatura Brasileira Crítica e Interpretação. 2. Oralidade na Literatura. 3. Cultura Afro-Brasileira. 4. Literatura Brasileira - Escritores Negros. 5. Literatura Popular. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA TESE:** A VOZ DE MÃE BEATA DE YEMONJÁ EM PERSPECTIVA: O (NÃO) LUGAR DAS POÉTICAS ORAIS AFRO-BRASILEIRAS NO MERCADO EDITORIAL

**AUTORA:** JULIANA FRANCO ALVES GARBIM

**ORIENTADOR:** FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES  
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Prof. Dr. ESEQUIEL GOMES DA SILVA  
UFPA / Marajó-Breves

Prof. Dr. RICARDO MAGALHÃES BULHÕES  
UFMS / Três Lagoas

Profa. Dra. ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA  
Departamento de Linguística / UNESP/Assis

Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI  
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Assis, 11 de fevereiro de 2019

## DEDICATÓRIA

À doce lembrança de Paulo (*in memoriam*) e à  
fortaleza de Irene, pelo amor absoluto de pai e  
mãe.

Ao Leandro, pelo amor, confiança e respeito  
irrestritos.

## AGRADECIMENTOS

No momento em que escrevo estas linhas, um filme passa pela minha mente, por razões, alegrias e percalços que apenas meu coração conhece. Reconheço que cheguei até aqui com o auxílio de inúmeras pessoas, às quais expressei profunda gratidão. Dessa forma, agradeço especialmente:

Ao meu orientador Francisco Cláudio Alves Marques, guia acadêmico e amigo, pelos silêncios e ensinamentos. Ao longo de nossa parceria, demonstrou generosidade, grandeza de caráter e excelência na função de orientador.

À escritora Beatriz Moreira Costa (*in memoriam*), pela voz, memórias, resistência e por disponibilizar seus contos como matéria de pesquisa.

À professora Ester Myrian Rojas Osorio, que, nos primeiros meses de Doutorado, me acolheu como sua orientanda.

À professora Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, que me aceitou como estagiária. Gratidão pela leitura técnica e apurada, porém humana e delicada, desta tese.

À professora Cleide Antônia Rapucci, pelo profissionalismo e idoneidade com que aceitou ler a pesquisa.

Ao jovem professor Esequiel Gomes da Silva, pela disponibilidade e competência técnica em contribuir para o aprimoramento do trabalho.

Ao professor Ricardo Magalhães Bulhões por aceitar compor a mesa de arguição e cooperar com o aperfeiçoamento das ideias aqui expostas.

Aos colegas conquistados nos corredores da Unesp, pelos debates profícuos.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP - Assis por resolverem os trâmites burocráticos.

À CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao meu ex-orientador Frederico Fernandes, que acompanhou minha trajetória na UEL desde 2005, quando eu ainda não entendia nada de pesquisa acadêmica.

À família Omote Costa, por ser abrigo e acolhida. Rafael, Leila e Lavínia, gratidão pelo generoso ato de abrir as portas de seu lar quando eu, ainda estrangeira, chegava a Assis. Família que eu escolhi pertencer.

Aos amigos que a vida acadêmica me agradeceu: Amanda, Maurício, Rejane, Hélen, Juliana Donini e Juliana Freire. À Vanessa, Greize, Valter e Eloisa, pelo reconhecimento instantâneo e por compartilharem experiências semelhantes às minhas, me impulsionando a nunca desistir. Hoje vivemos em cantos diferentes do mundo, porém o amparo recebido durante os anos em Londrina me remete à passagem: “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclesiástico, 6:14).

Aos amigos da Escola Estadual Professor Orlando Geríbola, pelo companheirismo e torcida.

À minha família paterna, especialmente a meus avós Paulo e Irene, a quem dedico esta tese. Obrigada por sonharem o melhor para minha vida e por entenderem as ausências na vida familiar. Esta tese, meu avô-pai e minha avó-mãe, é, especialmente, para vocês.

Aos meus tios e tias paternos, pelos valores transmitidos e por serem tão presentes em minha vida. À avó Cinira e ao tio “Jura”, por me revelarem a importância e a beleza dos livros.

Aos meus pais, Vera e José, por permitirem minha estadia neste mundo.

Aos meus irmãos, Flávio e Rafael, por serem memória, identidade e os elos com minha família nuclear. Às cunhadas Kênia, pelo auxílio na elaboração dos gráficos e à Ana Paula, pelos ouvidos sempre a postos.

Ao Leandro, meu companheiro de jornada. Entendeu minhas escolhas, suportou minhas ausências e crises, mesmo quando nem eu conseguia mais suportar. Agradeço pela presença em momentos felizes ou quando a dor falou mais alto. Obrigada pela lealdade e pelo zelo próprio de quem ama. Por ser esteio e aconchego. Esta conquista é nossa!

Aos meus sogros Daniel e Irene, e aos cunhados Michele e Fabrício, pela acolhida e incentivo e por serem minha segunda família.

Dentro de minha fé agradeço, sobretudo, a Deus, por traçar minhas veredas e permitir que eu chegasse até o fim deste trajeto. Do alto de sua onipotência, suavizou as quedas e os reveses do caminho.

Por fim, certa de que esta é apenas uma parte do percurso, sigo adiante.



O que os livros escondem,  
as palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
um ponto final na história.  
*Conceição Evaristo, Do velho e do jovem.*

ALVES-GARBIM, Juliana Franco. **A voz de Mãe Beata de Yemonjá em perspectiva: o (não) lugar das poéticas orais afro-brasileiras no mercado editorial.** 2019. 288 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## RESUMO

A presente tese versa sobre as poéticas orais afro-brasileiras e sua relação com o mercado editorial. Buscamos com este trabalho refletir sobre as políticas de produção e consumo em massa de literaturas minorizadas e com temática segmentada. Entendemos que a necessidade de estudar as manifestações literárias no âmbito acadêmico subjaz às belezas da arte da voz e abarca questões de representatividade, empoderamento e inserção das literaturas minorizadas no circuito da crítica literária. Do ponto de vista metodológico, construímos um estudo qualitativo e descritivo acerca de aspectos da cultura oral negra impressa em formato de livro. Como *corpus* de análise, foram selecionadas as obras *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros* e *Histórias que minha avó contava*, livros de contos escritos por Mãe Beata de Yemonjá. Como escopo teórico, contamos com o auxílio de críticos da Teoria Literária e dos Estudos Culturais, como Antonio Candido (2006, 2011), Stuart Hall (2003), Jesús Martín-Barbero (2015), Walter Ong (1998), Reginaldo Prandi (2001, 2007), Renato Ortiz (1988, 1994), Hans Robert Jauss (1994, 2002), entre outros. Foram apuradas as transformações ocorridas nos contos nos âmbitos sintático, lexical e estilístico, evidenciando que os traços da oralidade se mantêm presentes em algumas histórias mesmo após os engessamentos provocados pelos procedimentos editoriais de transcrição, revisão e diagramação. A análise das histórias de terreiro revelou que a oralidade latente nas manifestações populares desponta como um substrato da tradição negra, que neste caso resiste, em parte, aos procedimentos editoriais do livro.

Palavras-chave: Poética oral afro-brasileira. Tradição. Mercado editorial. Mãe Beata de Yemonjá.

ALVES-GARBIM, Juliana Franco. **The voice of Mãe Beata de Yemonjá in perspective:** the (non) place of Afro-Brazilian oral poetics in the publishing market. 2019. 288 f. Thesis (Doctorate in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

## ABSTRACT

The present thesis deals with the Afro-Brazilian oral poetics and its relationship with the publishing market. We search with this work for a reflection about the politics of production and mass consumption of minorities literature and with a segmented thematic. We understand that the necessity to study the literary manifestation in the academic arena underlies the beauty of the voice art, and encompasses matters of representativeness, empowerment, and insertion of minorities literature in literary criticism circle. From the methodological standing point, we build a qualitative and descriptive study concerning the aspects of the oral black culture printed in book format. As the corpus of analysis, the titles selected were *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros* and *Histórias que minha avó contava*, books of short stories written by Mãe Beata de Yemonjá<sup>1</sup>. As theoretical scope, we count with the aid of critics of Literary Theory and Cultural studies, such as Antonio Candido (2006, 2011), Stuart Hall (2003), Jesús Martín-Barbero (2015), Walter Ong (1998), Reginaldo Prandi (2001, 2007), Renato Ortiz (1988, 1994), Hans Robert Jauss (1994, 2002), among others. The transformations that took place in the short stories were ascertained in the context of syntax, lexicality, and style; highlighting that the orality traces remain present in some stories even after the stiffness caused by the publishing procedures of transcription, revision, and typesetting. The analysis of the Afro-Brazilian temple grounds' stories revealed that the latent in the popular manifestations emerge as a substrate of black tradition, that in this case resists, to some extent, to the book publishing procedures.

Keywords: Afro-Brazilian oral poetics. Tradition. Publishing market. Mãe Beata de Yemonjá.

---

<sup>1</sup> *Mãe Beata de Yemonjá* is the religious name attributed to the Yoruba priestess Beatriz Moreira Costa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arquétipo representativo do <i>griot</i> africano.....	37
Figura 2 – Mapa sobre as principais etnias da costa ocidental africana, com ênfase para os povos iorubás, na Nigéria .....	39
Figura 3 – Capa do livro <i>Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros</i> .....	145
Figura 4 – Cópia do <i>e-mail</i> enviado à editora Pallas sobre informações da obra <i>Caroço de Dendê</i> .....	146
Figura 5 – Conto “Aramaçá” .....	148
Figura 6 – Conto “Aramaçá” .....	149
Figura 7 – Conto “A quizila de Ogum com o quiabo” .....	150
Figura 8 – Conto “A quizila de Ogum com o quiabo” .....	151
Figura 9 – Capa do Livro <i>Histórias que a minha avó contava</i> .....	154
Figura 10 – Conto “A raposa” .....	156
Figura 11 – Conto “Maria Quebra Tudo” .....	158
Figura 12 – Tabela Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro – ano base 2014.....	167
Figura 13 – Pesquisa Painel de Vendas: mercado editorial brasileiro continua em declínio no 5º período, aponta Painel de Vendas de Livros de junho .....	170
Figura 14 – Tabela Pesquisa Painel de Vendas: Comportamento do Setor Editorial Brasileiro – 2014/2015 .....	171
Figura 15 – Tabela Pesquisa Painel de Vendas: títulos editados e exemplares produzidos.....	173
Figura 16 – Tabela Pesquisa Painel de Vendas: produção por área temática - 2014/2015.....	174
Figura 17 – Tabela Painel de vendas de livros no Brasil – resultados 2015-2016 (jun. 2016).....	176
Figura 18 – “O caminho crítico da produção de um livro” .....	183
Figura 19 – Sobre a editora Terceira Margem.....	187
Figura 20 – Sobre a editora Terceira Margem.....	188
Figura 21 – Sobre a editora Pallas .....	189
Figura 22 – Política Editorial de Livros de Literatura Afro-brasileira .....	190
Figura 23 – Indicadores IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) .....	270

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Divisão dos contos em grupos narrativos na obra <i>Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros</i> .....	218
Tabela 2 – Divisão dos contos em grupos narrativos na obra <i>Histórias que a minha avó contava</i> .....	249

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção do Setor Editorial Brasileiro – (Ano Base 2014) .....	168
Gráfico 2 – Vendas do Setor Editorial Brasileiro – (Ano Base 2014) .....	168
Gráfico 3 – Comportamento do Setor Editorial Brasileiro – 2014/2015 – Exemplares.....	172
Gráfico 4 – Comportamento do Setor Editorial Brasileiro – 2014/2015 – Faturamento.....	173
Gráfico 5 – Produção por área temática – 2014/2015 – Número de Exemplares.....	175
Gráfico 6 – Produção por área temática – 2014/2015 – Participação em %.....	176

## SUMÁRIO

<b>A VOZ NEGRA E A MÃO EDITORIAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS .....</b>	<b>15</b>
<b>1 AO SABOR DO TEMPO E DO VENTO: ECOS DE UMA VOZ ANCESTRAL .....</b>	<b>28</b>
1.1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA AO MICROSCÓPIO .....	28
1.2 CORPO, VOZ E RITMO: A POÉTICA PERFORMÁTICA DA PALAVRA.....	58
1.3 A NARRATIVA ORAL AFRO-BRASILEIRA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL BRASILEIRO .....	69
1.4 POÉTICA ORAL NOS ESCRITOS DE MÃE BEATA DE YEMONJÁ.....	79
1.5 POLIFONIA, CARNAVALIZAÇÃO E DIALOGISMO: CATEGORIAS BAKHTINIANAS NA NARRATIVA ORAL AFRO-BRASILEIRA .....	82
<b>2 ARQUITETURA LITERÁRIA: FUNÇÕES DO AUTOR, PÚBLICO E OBRA NA TRADIÇÃO ORAL .....</b>	<b>93</b>
2.1 INVENTAR, IMAGINAR, ESCREVER: O AUTOR COMO ARTICULADOR DAS FUNÇÕES CRIATIVAS.....	101
2.2 LER, INTERAGIR E (RE)SIGNIFICAR: FUNÇÕES DO PÚBLICO.....	113
2.3 A OBRA COMO MEDIADORA DO SISTEMA LITERÁRIO TRADICIONAL .....	122
<b>3 A VOZ DOS DEUSES NAS MÃOS DOS HOMENS: QUANDO O LIVRO ADENTRA O TERREIRO .....</b>	<b>125</b>
3.1 A TRADIÇÃO ORAL MATERIALIZADA PELA INDÚSTRIA CULTURAL .....	134
3.1.1 O Poder de Representação dos Símbolos Gráficos na Edição de Histórias Oraís.....	141
3.2 O MERCADO EDITORIAL NO BRASIL E A TRADIÇÃO ORAL .....	160
3.3 O PAPEL DO EDITOR FACE AO MERCADO DAS MINORIAS EDITORIAIS .....	179
3.4 AS EDITORAS ESCOLHIDAS POR MÃE BEATA DE YEMONJÁ.....	186
3.5 MERCADO EDITORIAL AFRO-BRASILEIRO X MÍDIAS DIGITAIS.....	191
<b>4 ARQUEOLOGIA DA COMPOSIÇÃO EM YEMONJÁ: NARRATIVAS EM FOCO.....</b>	<b>201</b>
4.1 <i>CAROÇO DE DENDÊ</i> .....	214
4.1.1 <i>Caroço de Dendê</i> : a Natureza dos Contos .....	218

4.2 HISTÓRIAS QUE A MINHA AVÓ CONTAVA .....	248
4.2.1 Histórias que a Minha Avó Contava: a Natureza dos Contos .....	249
<b>O HORIZONTE DA VOZ NEGRA: NOTAS FINAIS .....</b>	<b>265</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>274</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>288</b>
ANEXO A – Mãe Beata de Yemonjá autografando <i>Caroço de Dendê</i>	



## A VOZ NEGRA E A MÃO EDITORIAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS

A poética e a literatura dos negros que vivem hoje no Brasil redesenham o passado da Mãe-África, terra de sujeitos nascidos livres, mas depois entregues à causticante travessia do Atlântico negro, aos suplícios da escravidão, ao banzo de seu solo sagrado e ao eterno vazio da diáspora. Digressivamente, falamos em “várias Áfricas”, em vários países do continente africano que sofreram a diáspora de seus filhos rumo à América colonizada. De todo modo, a voz dos negros de hoje remonta a uma tradição construída na e pela palavra, o que para algumas sociedades do continente africano funciona como um átimo de vida.

Compreendemos que as travessias transatlânticas trouxeram brancos e negros, vozes d'além-mar que vieram se juntar às vozes autóctones e promoveram a mestiçagem literária como fator de herança cultural. Igualmente, a oralidade revivida no cotidiano de muitas comunidades afrodescendentes descreve o negro no contemporâneo e retoma sua ancestralidade. A força cósmica, as crenças, os costumes, a alimentação e as vestimentas são espelhos do ontem enraizado no DNA negro. Por essas e outras, contar histórias representa um ato de coragem e, conseqüentemente, uma literatura de enfrentamento. A alteridade negra grita por meio da boca e da memória dos mais velhos, os anciões do grupo, outra característica das sociedades afro-matriciais.

Como legado da diáspora negra, restaram aos indivíduos apenas a memória e os costumes de seu país de origem, como a gastronomia, a religiosidade, os hábitos corriqueiros e a oralidade. As subjetividades expressas pela presença da voz na sociedade concebem a oralidade como uma simples função exercida no meio humano. Entretanto, sabemos que a linguagem impulsiona a vida e há milênios a contação de histórias vem reforçando a sensibilidade humana por meio da energia da *poiesis* criadora, uma espécie de sacralização da palavra, como assim defende Paul Zumthor (1993, 1997).

No caso das histórias afro-brasileiras, a presença de vozes enraizadas, criadas pelo e para o coletivo, utiliza uma linguagem situada à margem do poder hegemônico. Com isso, percebemos o viço das poéticas orais na construção social contemporânea e como os afro-brasileiros representam a si e ao outro no movimento de recontar suas histórias e tradições mais remotas.

A contrapelo das revoluções tecnológicas, a tradição oral continua a existir na modernidade por meio de manifestações tais como o cordel, o repente, o movimento hip hop ou mesmo os causos de comunidades tradicionais, como veio de água que contorna qualquer obstáculo. Faz-se presente diariamente na cultura popular, revela as angústias humanas, as dúvidas existenciais, os mitos, os costumes, o sagrado, o imaginário e o vivido.

Entretanto, nas sociedades multiculturais, imersas na cultura industrial contemporânea, essa representatividade vocal utiliza novos veículos, como as mídias digitais e impressa. A indústria livreira vem, a cada dia, diversificando os nichos editoriais e democratizando os temas de obras que chegam aos balcões das livrarias, na tentativa de ampliar e fidelizar novos públicos. Entre os grupos que têm ganhado espaço junto ao mercado livreiro estão aqueles baseados na tradição oral, como as produções oriundas das culturas de rua, indígena ou oral afrodescendente, fruto deste estudo. De tal modo, é chegada a hora de mergulharmos fundo nos processos e aspectos da editoração de contos orais de vertente afro-brasileira.

Muitos tesouros são revelados ao grande público urbano, distanciado das comunidades tradicionais, por meio das novas tecnologias, porém isso tem um preço: a poética oral original, aquela que nasce das rodas de contação de histórias ou dos causos repassados pelos mais velhos, pode sofrer descaracterizações no decorrer do processo de escrita. Veremos isso nas próximas páginas.

Há várias faces de uma mesma moeda. Como num jogo de cara ou coroa, temos prós e contras quando o mundo gira em torno da publicação impressa de contos orais. De um lado, a oralidade para as comunidades negras tradicionais implica na reconexão com o passado ancestral, com o mítico e o sagrado, além de proporcionar a manutenção da identidade negra. Na outra ponta, a escrita significa inserir os contadores orais no aplaudido mundo tipográfico, entre tantos outros louros que poderão ser colhidos com a impressão dos contos orais.

Para muitas vozes negras, como a de Mãe Beata de Yemonjá<sup>2</sup> e outras tantas, escrever e publicar significa antes de tudo um ato político e de resistência, algo como um exercício de militância. A visibilidade proporcionada pelo livro pode contribuir para repovoar o imaginário de leitores leigos com relação ao universo da

---

<sup>2</sup> Yemonjá é uma das variantes gráficas para Yemanjá ou Iemanjá. O nome, de língua iorubá, etimologicamente remete à *Yèyé omo ejá*, que pode ser traduzida como “mãe cujos filhos são peixes”.

cultura negro-brasileira. Imaginário este que pode emancipar o leitor não iniciado, mas disposto a lapidar sua capacidade crítica e analítica em relação à grupos sociais diferentes de si. O livro supre uma espécie de curiosidade do público, que, na medida em que entra em contato com narrativas de fundo mítico, aguça sua capacidade imaginativa. Tais histórias oferecerão subsídios que levarão o interlocutor a uma experiência do real e ampliarão o horizonte de expectativas, em prol de uma consciência ledora crítica.

Ler a respeito da tradição dos negros ajuda a desmistificar a crença na submissão e subalternidade dessa parcela da população no imaginário brasileiro. No entanto, há ainda grande dificuldade encontrada pelos escritoras e escritores afrodescendentes em publicar suas obras. É importante quebrar este silenciamento secular e reconhecer tais sujeitos como donos de uma poética própria e representativa.

Do outro lado da moeda, chegamos ao mercado editorial. Espaço de produção do conhecimento ocidental, de construção de autores, de fabricação de arte e de concentração de riquezas. Um espaço geralmente constituído por mecenas modernos, donos de grandes corporações editoriais, voltados para o acúmulo de capital.

Hoje, mais que em qualquer outra época, lutamos pelo empoderamento dos grupos minorizados, entre eles os descendentes de indivíduos que foram escravizados. Ter seu discurso lido, aplaudido, representa uma chance de reconhecimento para muitos contadores de histórias. O trânsito entre saberes, identidades e culturas visa não apenas a um reconhecimento das manifestações orais como uma poética, mas também como a uma ética e a um constructo social. Sob esse prisma, a indústria de livros tem muito a colaborar, especialmente quando a voz poética empunha determinadas ideologias.

A literatura, como mediadora do saber, elabora códigos discursivos e metafóricos de sabedoria social. Por meio da escrita, autenticada pelo sistema literário, referendam-se os saberes e histórias do mundo. Do ponto de vista semiótico, a narrativa encena o universo do simbólico e, segundo Barthes (2015), os respectivos prazeres que o discurso pode suscitar no público, dentro do espectro teórico da estética da recepção.

Observamos que as publicações de contos orais afro-brasileiros publicados no início do século XXI surgem significativamente em um momento de grandes

transformações históricas e sociais. Leis e movimentos sociais e civis marcam mudanças na estrutura cultural, abrindo ainda mais espaço para o potencial de emancipação da obra de arte, perante seu leitor, por meio da experiência estética.

Por seu turno, o apego estético consiste no experimentalismo proposto pela autenticidade das poéticas orais e populares, legitimado pelas diversidades temática, linguística e de meio, que estão embutidas no discurso de afrodescendentes, além de abordar temas como pluralismo e identidade cultural.

O projeto poético das literaturas afro-brasileiras, especificamente da contação de histórias de Yemonjá, concebe um objeto que se quer impregnado de literariedade. Originalmente, os contos descentralizam estruturas da linguagem, por vezes já fossilizadas pelo sistema escritural e canônico. Os enunciados expõem fatos mitopoéticos em sintonia com uma linguagem articulada, tanto no padrão falado como no escrito.

Funcionando como uma motivadora de rupturas, a voz poética que é emprestada às narrativas orais transgride a escritura convencional, à medida que rompe com a realidade referencial do leitor. Nessa cisão, pode ser promovida uma combinação de elementos textuais incomuns adotados como temática na indústria editorial, advindos da tradição negra diaspórica, divergente da cultura ocidental. A heterogeneidade humana, responsável por formatar a sociedade multicultural<sup>3</sup> brasileira, faz emergir no cenário atual uma pluralidade de atos e costumes reveladores da cultura oral afrodescendente. Com isso, inserem-se, no nível do discurso, ecos de outras linguagens, de outros corpos, de outras histórias e também de outras escrituras reinterpretadas no âmbito da oralidade.

No campo dos estudos antropológicos e a título de significação, Edgar Morin (1997) comenta uma das múltiplas definições acerca do termo cultura, concebendo-a como uma engrenagem social de alto valor identitário. Segundo apontamentos do autor,

uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas

---

<sup>3</sup> Multicultural: termo qualitativo. Descreve as características sociais e os problemas nos quais diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade "original". Multiculturalismo: substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade, gerados pelas sociedades multiculturais (HALL, 2003).

nos símbolos, mitos e imagens de cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma) e no qual se envolve (sua personalidade) (MORIN, 1997, p. 15).

Atualmente, sabemos que, em parte, o rizoma das tradições afro-brasileiras é tributário, especialmente da cultura popular de países da costa ocidental da África, região que enviou uma expressiva quantidade de negros ao Brasil na condição de cativos. Já em terras brasileiras, alguns descendentes do escravismo ainda preservam costumes e tradições ancestrais. Há comunidades afrodescendentes onde o imaginário é povoado por figuras arquetípicas, geralmente religiosas, seguido por estereótipos de personagens secularmente sacralizados pelas crenças locais. Quando nos valemos do conceito de imaginário pensamos na relação estética e psicológica que a obra cria na psique humana com base na religiosidade, pois o imaginário “é percebido como tão real, até mesmo mais real do que o real. Mas, por outro lado, a relação estética destrói o fundamento da crença, porque o imaginário permanece conhecido como imaginário.” (MORIN, 1997, p. 77). Com isso corroboramos o entendimento de que o inconsciente reproduz arquétipos na vida cotidiana e na arte.

Aqui tomamos de empréstimo o conceito de arquétipo preconizado por Karl Gustav Jung e revivido posteriormente pelo crítico literário Meletínski (2015). O autor de *Os arquétipos literários* postula que, na visão de Jung, arquétipo se refere basicamente a “pressupostos estruturais de imagens (que existem no âmbito do inconsciente coletivo e que, possivelmente são herdados biologicamente) [...]” (MELETÍNSKI, 2015, p. 20). De acordo com o pesquisador, os arquétipos junguianos representam:

[...] imagens, personagens, papéis a serem desempenhados e, apenas em medida muito menor, temas. Em segundo lugar, que basicamente todos esses arquétipos representam etapas do que Jung chamou de processo de individuação, isto é, o destacar-se gradativo da consciência individual a partir do inconsciente coletivo, a mudança da correlação consciente/inconsciente na personalidade humana, até sua harmonização final no término da existência. De acordo com Jung, os arquétipos traduzem os acontecimentos anímicos inconscientes em imagens do mundo exterior (MELETÍNSKI, 2015, p. 22).

Por falar em mitologias pautadas no inconsciente coletivo, Meletínski entende a mitologia como demonstração da “individuação, isto é, do despertar da consciência individual e sua gradual harmonização com a situação inconsciente-coletiva inicial e com o conteúdo da psique” (MELETÍNSKI, 2015, p. 39). Para o autor, a inconsciência coletiva “dificilmente tem um caráter hereditário, mas [...] apresenta um caráter social real” (MELETÍNSKI, 2015, p. 43).

Assim como nas diferentes mitologias que compõem histórias sobre a origem do mundo e dos homens, como a grega, a oriental, a indígena ou a romana, a mitologia dos negros do oeste africano também elaborou sua versão sobre a organização dos homens, seus deuses, lendas e tradições, não raro pela ótica do sobrenatural e do etéreo. Para Julie Cavignac, as representações espirituais ganham tangibilidade pela via do discurso de Yemonjá, com histórias repletas de significados ligados ao mundo das divindades iorubanas:

[...] a manifestação dos poderes de um santo ajuda a resolver todas as dificuldades com que se defrontam. A revelação dos poderes sobrenaturais, sejam eles autóctones ou santificados, se dá sob a forma de uma aparição milagrosa, de uma manifestação do além ou de um sonho, motivo para a construção de uma capela que se tornará local de celebrações religiosas. (CAVIGNAC, 2015, p. 90)

Com efeito, muito do que é produzido culturalmente nas comunidades tradicionais afrodescendentes incide sobre uma estética específica, de retomada das raízes culturais, especialmente na literatura, pautada essencialmente na cosmogênese iorubá. A produção literária oriunda dessa parcela da população evidencia também o protagonismo negro no âmbito das artes. Narrativas de magia, encantamento, crenças, mitos, fatos e organização do coletivo inspiram uma das práticas mais antigas dos povos ancestrais: a contação de histórias, a própria arte da voz. Antônio Candido postula que “a arte, e portanto, a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 2006, p. 61).

Assim, nas comunidades tradicionais negras, representadas por remanescentes de quilombos ou casas religiosas, o conhecimento ancestral produz uma poética enraizada, voltada para o coletivo e para a imanência do ser negro. Via de regra, as narrativas escritas por negros e com temática afrodescendente apresentam em seu bojo o tom moralizante, semelhante aos contos orais da cultura

popular. Câmara Cascudo (2014) admite que o conto é um dos vértices que sustentam a memória e a imaginação popular, de forma que o começo e o fim das narrativas são as partes que mais se modificam durante o processo de reconto. Para o autor de *Contos tradicionais do Brasil*, “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” (CASCUDO, 2014, s. p.).

Em termos de predicados, na visão de Cascudo, o conto popular assume características peculiares, além da questão da moralidade presente na quase totalidade dos enredos, que o diferem de outros esquemas narrativos. Tais qualidades dizem respeito à antiguidade, ao anonimato, à capacidade de divulgação e à persistência do conto, pois o ideal é que “seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais” (CASCUDO, 2014, s. p.). Para além dessas condições, Cascudo assevera que o conto popular precisa ser “omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo” (CASCUDO, 2014, s. p.).

Tomando como princípio o conto de origem popular, ocorrem, no contexto dos grupos afrodescendentes, novos modos de construção artística por meio do discurso. Entendemos que os processos estéticos resultam de uma mistura de manifestações, uma vez que são experimentados por meio de música, vestimenta, linguagem, alimentação e religiosidade. Tantas variáveis inspiram uma poesia oral e performática, produzida e compartilhada com o grupo. Na tradição afro-matricial, a arte consiste na fala, naquilo que o povo lembra e esquece e como aprende, ensina e, de repente, recupera-se a sabedoria popular.

Inseridos no contexto tribal, o experimento poético-oral revela uma celebração coletiva, ao mesmo tempo em que simboliza o mundo e o lugar das personagens que ajudaram a compor as histórias. Nesse caso, a poética oral cumpre o papel humanizador atribuído à obra literária, na medida em que repercute na vida dos ouvintes do grupo no qual emerge.

Ainda que tenha redigido monografia e dissertação sobre as poéticas orais, utilizando a mesma escritora analisada nesta tese, a proposta atual visa a um aprofundamento do que fora estudado até o momento, com a finalidade de dar continuidade à pesquisa que ora estamos desenvolvendo. Nesta, fomos alargando a área de abrangência das ideias à medida que novas questões foram surgindo em

torno da temática e do *corpus* em estudo. Dessa forma, buscamos resolver eventuais inquietações naquilo que diz respeito às poéticas orais afro-brasileiras ao ampliar a área de abrangência da voz, da escrita e dos processos de recepção na sociedade. Esperamos, com isso, promover uma extensão do panorama literário contemporâneo.

Todavia, o foco agora se volta mais à necessidade, sobretudo, de perceber as influências e o papel do mercado editorial ao acolher os contos de Yemonjá e transformá-los em produto de consumo. Buscamos compreender qual papel é desempenhado pelas editoras frente aos processos de recriação e divulgação dos contos de origem oral na atualidade.

Portanto, esta tese se pauta em averiguar o “(não) lugar” ocupado pelas poéticas orais afro-brasileiras no mercado editorial nacional. Reflete, basicamente, qual o espaço destinado a essas produções artísticas nos cenários literário e comercial. A abordagem dos assuntos é sequenciada por um estudo teórico sobre o mercado editorial e sua relação com a literatura oral afro-brasileira. Abordamos os mecanismos de produção, circulação, leitura e legitimação da obra literária que tem como matéria-prima a oralidade. Utilizamos como parâmetro excertos de contos de Mãe Beata de Yemonjá. Subsequente aos desdobramentos teóricos, analisamos proficuamente outras histórias publicadas pela autora à luz das teorias literárias e culturalistas. Procuramos, com isso, identificar aspectos da tradição oral afro-brasileira que foram mantidos ou refutados após os procedimentos editoriais.

Justifica-se, então, por meio da análise das narrativas orais, de autoria de Mãe Beata de Yemonjá, agora vinculadas em meio escrito, que procuremos entender neste estudo a validade de que tais narrativas favorecem o processo de descolonização dos leitores acostumados à literatura canônica. Ao apresentar ao leitor novas formas do fazer literário, esta tese objetiva, ainda, auxiliar na emancipação do sistema literário contemporâneo.

A poética oral produzida pela contadora de histórias passará, doravante, a ser analisada como obra literária inserida em um mercado cada vez mais em expansão, bem como a narradora será considerada escritora. Na outra ponta desta pesquisa, o papel do mercado editorial figura como aspecto essencial para entendermos como as poéticas orais produzidas por afrodescendentes são assimiladas e consumidas.

Para além da hermenêutica literária, aplicamos em algumas etapas desta



pesquisa algumas premissas bibliográficas que foram elencadas, de forma a elucidar parte dos pressupostos aqui apresentados. Em razão disso, esboçamos ao longo do trabalho algumas análises dos textos produzidos por Yemonjá e que constam da sua antologia. Lançamos mão do método recepcional proposto por Hans Robert Jauss (1994, 2002), além da teoria do efeito prescrita por Wolfgang Iser (1979, 1996, 1999), da polifonia e da dialogia postuladas por M. Bakhtin (1987, 2007, 2008) e de algumas hipóteses culturalistas, propostas por teóricos da ordem de Homi Bhabha (2001) e Stuart Hall (2003).

A pesquisa, que procura entender a oralidade como acontecimento social e cultural, dotado de apego simbólico e estético, colabora para a circulação de valores e costumes afro-matriciais. Em razão disso, não se pode deixar de considerar os espaços nos quais essa poética se realiza. De tal modo, os suportes (materiais ou não) que colaboram para a produção, circulação, recepção e posterior identificação do texto poético oral também implicam no processo avaliativo da obra literária.

O discurso específico da oralidade requer uma leitura minuciosa, de forma a entender em que medida os suportes que o veiculam são capazes de ampliar ou limitar a reprodução e a circulação do texto tributário da cultura oral. Todas essas inferências nos levam a uma necessária e inquietante revisão dos valores estéticos e literários em voga.

As histórias de Mãe Beata misturam o vivido com um discurso ficcional que representa o real, relatos presenciados pela autora e seu grupo e outras com uma carga de verossimilhança que leva o leitor a alguma ilusão da realidade, recurso próprio das narrativas de ficção.

Yemonjá esteve sempre apegada aos livros e à escrita, embora tenha sido semialfabetizada em razão das ordens expressas de seu pai. Criada sob o jugo do patriarcalismo, a menina ouvira desde sempre que não precisava ler nem escrever, pois nascera apenas para casar e ter filhos. Apesar de ter começado a publicar tardiamente, após os anos 1990 (e isso explica o fato de não ter escrito muitas obras de cunho literário), Yemonjá escreveu *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros* (2008), *Histórias que a minha avó contava* (2004) e um capítulo intitulado “Tradição e religiosidade”, em *O livro de saúde das mulheres negras*, organizado por Jurema Werneck, Maísa Mendonça e Evelyn C. White (2006).

A trajetória de conquistas da autora teve início no momento de seu nascimento, no Recôncavo Baiano. Segundo levantamento de Haroldo Costa

(2010), a menina Beatriz nasceu nos arredores da cidade de Iguape, na Bahia, quando sua mãe, durante uma pescaria habitual, entrou em trabalho de parto dentro de um rio situado nos arredores da cidade. Em meio ao exasperado momento, ao sair correndo das águas, a criança veio ao mundo em uma encruzilhada, sendo acolhida pela parteira local, tia “Falá”, que amparou a criança e constatou, no plano do etéreo iorubano, a proteção de Exu e Iemanjá<sup>4</sup> sobre a bebê.

Esse fato marcaria para sempre seu destino pessoal e religioso. A vida seguiu seu curso até que Yemonjá se casou em Salvador, teve quatro filhos e se divorciou. Após o processo, resolveu abraçar a religião na qual fora iniciada e tentar a vida no Rio de Janeiro. Viveu uma rotina precária na criação solitária dos filhos e no trabalho como costureira na Rede Globo de Televisão, como aponta Costa (2010). Aposentada, em 1985 fundou sua casa religiosa, em Miguel Couto, um bairro de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. A partir de então começou seu trabalho como mãe de santo, passando a ser referência de resistência religiosa e cultural.

Apesar dos poucos estudos primários, Yemonjá dispunha-se a transmitir ensinamentos de seu povo, tanto pela oralidade como por meio da escrita. Recebeu vários prêmios e honrarias, tendo sido o maior deles o de *ialorixá* do templo sagrado Ilê Omi Ojú Arô<sup>5</sup>. Até o fim de sua trajetória terrena, em 27 de maio de 2017, Yemonjá narrou diversas histórias, ensinou muitas crianças e jovens nas rodas de contação e nos rituais de iniciação, bem como pelejou insistentemente contra o preconceito e a intolerância religiosa<sup>6</sup>.

Quanto a suas publicações, mesmo com uma produção de pouca expressão, as compilações de contos que nasceram das mãos da escritora revelam um universo sedutor de histórias de deuses, lendas, santos e costumes do povo de

---

<sup>4</sup> De acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 22), “Iemanjá é a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura”. É representante da ancestralidade feminina, tem na maternidade e no cuidado com os filhos sua maior qualidade. Exu, por sua vez desenvolve o papel de mensageiro, é o deus da comunicação. Ainda conforme Prandi (2001, p. 21), sem a participação de Exu “não existe movimento, mudança, reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica”. Já os filhos de Iemanjá, para Nicolas Ramanush, “são pessoas determinadas e se tornam bons pais e mães” (RAMANUSH, 2002, p. 19), fato que talvez explique Beatriz ter se tornado mãe de uma das casas de santo mais conhecidas do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, ter abraçado centenas de filhos religiosos.

<sup>5</sup> O termo em língua ioruba significa “Casa das Águas dos Olhos de Oxóssi”.

<sup>6</sup> Esta tese registra um compilado sobre a vida e a obra da escritora Mãe Beata de Yemonjá. Maiores informações a respeito da biografia e da fortuna crítica da autora podem ser encontrados em: ALVES, Juliana Franco. **Tempos de griotizar a letra**: em busca de uma poética da voz afrobrasileira em *Caroço de Dendê*, de Mãe Beata de Yemonjá. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Ou ainda em: COSTA, Haroldo. **Mãe Beata de Yemonjá**: guia, cidadã, guerreira. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

santo. A mística revelada em suas histórias ratifica o encantamento que a autora expressa por sua religiosidade. Uma literatura que visa descolonizar os campos literários instituídos, instaurar novos fazeres artísticos e, inclusive, retomar e revitalizar arquétipos da cultura popular.

À parte os conceitos definidores, é patente que a tese em construção apresenta um caráter cíclico, como todo axioma hermenêutico, especialmente neste recorte, em que ambicionamos demonstrar o circuito que envolve narrativa oral, autor e mercado. Esse triângulo, apesar de interdependente, é também paradoxal. O contrassenso maior reside na dicotomia oralidade e escrita, assertivas opostas, mas que se reforçam mutuamente quando da impressão de causos da tradição oral.

Para preparar os leitores, este capítulo introdutório apresenta afirmações pontuais sobre a vida de Yemonjá e estabelece resumidamente algumas pontes teóricas que embasarão os capítulos subsequentes.

Feitas as premissas iniciais, apresentamos o capítulo primeiro, intitulado “Ao sabor do tempo e do vento: ecos de uma voz ancestral”, com um panorama sobre a literatura afro-brasileira. Aqui, interessa-nos abordar questões conceituais sobre esse nicho literário, seu fazer estético e todo o aparato teórico em torno da poética oral afrodescendente. Para tanto, bebemos na fonte da cultura negra, a África-mãe, de onde emprestaremos definições para temas próprios da arte poético-oral negra, como memória, ancestralidade, identidade cultural, defendida por Stuart Hall (2003), e a figura dos *griots*, os clássicos contadores de histórias africanos. O tópico discute, ainda, a autoridade do narrador e sua busca por legitimação, como postulado por Walter Ong (1988). Deciframos também alguns trechos dos contos escritos por Yemonjá, à luz de teóricos como o medievalista Paul Zumthor (1993, 1997, 2000, 2005), na tentativa de ilustrar as questões mais imediatas, como as já citadas.

No tópico dois discutiremos sobre a “Arquitetura Literária: funções do autor, público e obra”. Inicialmente, estudamos, passo a passo, as três principais pontas que constituem o sistema literário, o que Antonio Candido (2006) chama de “tríade literária”. Neste capítulo, trazemos a lume a teoria da estética da recepção, de Hans Robert Jauss (1994, 2002) e seus seguidores. Ainda usamos como base teórica conceitos desenvolvidos por Bakhtin (2007), Umberto Eco (1986), Jesús Martín-Barbero (2015), entre outros.

Já no terceiro capítulo, intitulado “A voz dos deuses nas mãos dos homens: quando o livro adentra o terreiro”, discorreremos a respeito da relação entre o mercado

editorial brasileiro e os livros escritos por afrodescendentes – obras que trazem o negro como sujeito, ou seja, colocado no centro do discurso. Aqui encontramos a coluna cervical da pesquisa, o que embasará as análises teórico-literárias do *corpus*. Buscamos entender o espaço reservado para essa parcela da população, a abertura de mercado, as demandas em ascensão e as novas políticas editoriais para o setor. Como aporte teórico, contamos com Roger Chartier (2014), Ecléa Bosi (1986), Marshall McLuhan (1972), Philippe Lejeune (2008) e outros citados anteriormente.

A variação de suporte do discurso poético oral para o livro nos convida a refletir sobre como o mercado editorial alterou a percepção do literário atrelado apenas à escrita. Neste tópico, debatemos sobre as variáveis que movimentam a publicação de títulos afro-brasileiros. Uma das indagações recorrentes é a forma como tem se comportado o mercado editorial frente a este novo nicho, bem como as políticas culturais de acesso ao livro que estão em voga na atualidade, especialmente aquelas voltadas para o segmento publicado por artistas que estão à margem do sistema literário.

Quase todos os capítulos desta tese passam pela dialógica relação entre voz e letra, condutoras do sagrado e do segredo iniciático, da palavra efêmera e do discurso eternizado pela cultura tipográfica. Voz e letra que se opõem e se complementam. Ecléa Bosi assegura que entre a linguagem oral e a escrita há algumas diferenças

de ordem semântica, psicológica e sociológica [que] geram diferentes comportamentos e percepções. O olho do leitor, buscando um significado após outro, faz uma codificação linear do real. As novas linguagens eletrônicas exigem uma outra codificação, simultânea, que recupera, de uma certa forma, a percepção do homem pré-letrado. O livro isola, a palavra falada agrupa. O livro leva ao “ponto de vista”, a uma atitude crítica, a palavra falada implica uma participação emotiva (BOSI, 1986, p. 45).

Com efeito, destacamos que o mercado editorial tem aberto cada vez mais espaço para publicações que priorizam os diálogos interculturais e obras com apego nas manifestações orais. A fala de Mãe Beata, por sua vez, assim como a de muitos narradores anônimos da literatura oral e popular, é ousada e rompe com barreiras institucionalizadas à medida que ganha espaço na indústria editorial. Propõe transgressões, tanto sociais quanto culturais, e incita a processos de empoderamento e legitimação, não apenas à autora, como também aos leitores que se reconhecem ou venham a se identificar com as histórias do povo de santo.

Publicações dessa natureza não apenas elegem o negro como tema, mas abrem caminho para uma fala silenciada por séculos de dominação branca. Narrativas contadas e escritas por uma autora negra surgem na esteira da Lei nº 10.639/03, que institui o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, posteriormente complementada pela Lei nº 11.645/2008, que inclui o estudo da cultura indígena.

É, enfim, por meio dessa literatura e cultura que o afrodescendente constitui sua personalidade, seja na escrita ou na voz dos contadores de histórias. Textos que desafiam o leitor ou o ouvinte a pensar qual o lugar ocupado pelo negro na literatura e na sociedade, na medida em que colocam em xeque as manifestações literárias consagradas.

Na sequência, o quarto capítulo “Arqueologia da composição em Yemonjá: narrativas em foco abre espaço para as análises de alguns contos que compõem as coletâneas de Yemonjá. No decorrer das apreciações, levamos em consideração questões de ordem semântica, lexical e pragmática. Tomamos como base principal a noção de peritexto e paratexto preconizadas por Gerard Genette (2009), por estudiosos da estética da recepção e por linguistas como Luiz Antônio Marcuschi (1986, 1989). Como suporte metodológico, nesta fase analítica, utilizamos o método qualitativo para examinar os contos em relação a sua origem e categorias narrativas, bem como averiguar as formas de abordagem da temática exposta nas coletâneas de Yemonjá.

Por fim, em “O horizonte da voz negra: notas finais” destacamos que a voz, como fenômeno social e cultural, acrescenta à sua mensagem o esteticismo do simbólico e do imaginário. Um objeto literário, que, quer seja oral, quer seja escrito, permite a circulação de valores e legitima identidades por meio de diversos suportes de (re)produção, circulação e leitura. A voz em si é um arrazoado de múltiplas tradições, objeto dotado de estética, no caso da tradição negra, na medida em que questiona e revisita valores sociais, culturais e artísticos.

acima, o *egun*, por ser um espírito não iniciado, ao assumir a forma corporal pode utilizar a esteira como roupa para assustar quem não respeita o objeto.

Com esse conto, encerramos a análise das narrativas da antologia de Yemonjá. Entendemos que, em ambas as obras aqui estudadas, o aparato linguístico e semântico utilizado reverbera a todo o instante uma poética oral do etéreo iorubano. Desde a temática escolhida, passando pelo léxico empregado na construção das histórias, os resquícios linguísticos ou os índices de oralidade, ainda presentes no discurso mesmo após a editoração, como também pela identificação da autora com a obra, formam um conjunto de fatores que geram a atmosfera de uma poética alusiva à tradição oral negra e ancestral.

## **O HORIZONTE DA VOZ NEGRA: NOTAS FINAIS**

Escrevendo meus livros, trato de documentar pelo menos um pouco da nossa trajetória que vem passando de boca em boca desde os navios negreiros. Tenho escrito muito. Em breve vou lançar um livro, mas só com poemas picantes, críticos, tipo cordel, que é do que eu mais gosto.

*Haroldo Costa, Mãe Beata de Yemonjá.*

Doravante, tentaremos reatar os fios dos romances que foram destrinchados ao longo deste trabalho. Até o momento, as proposições foram construídas de maneira a criar algumas validades sobre o mercado editorial brasileiro e sua relação com as produções populares de vertente afrodescendente. Para tanto, esta tese buscou entender, de maneira geral, a forma como o sistema cultural dispõe as cartas na mesa e dita o jogo que rege as publicações no país, especialmente no que tange às manifestações poético-orais afro-brasileiras.

Com base no projeto inicial, tínhamos como objetivo principal compreender a relação e as nuances entre o mercado editorial, os contos orais afro-brasileiros e a figura do autor, de maneira a entender as possíveis mudanças das histórias oriundas da tradição oral que passam a ser divulgadas por meio do livro.

Como desdobramentos apresentados nos objetivos específicos, tentamos elucidar cada um dos tópicos apresentados no projeto inicial, assim discriminados:

- a) estudar os contos orais de *Caroço de dendê e Histórias que a minha avó contava*, de Mãe Beata de Yemonjá, à luz da teoria literária;
- b) compreender as formas de editoração, publicação e comercialização das histórias orais presentes nas narrativas da autora em questão;
- c) verificar as possíveis mudanças ocorridas nos contos escolhidos nos aspectos lexical, sintático, semântico e pragmático;
- d) verificar a recuperação dos valores da tradição oral em razão da mudança de meio oral para o escrito.

Ao longo da pesquisa, notamos que muitas das indagações expostas nos objetivos específicos foram elucidadas. Concluimos que pesquisar as poéticas orais afro-brasileiras significa mais que um mero estudo de literatura afro-brasileira. Antes, trata-se de colocar o negro como protagonista de sua história por meio da literatura em um país marcado pelo estigma da escravidão, portanto, um país de maioria negra.

Estudar as poéticas orais afro-brasileiras significa dar passos importantes no processo de descolonização do pensamento eurocêntrico e emancipar os leitores para que lancem novos olhares à produção artística que antagoniza o modelo canônico. O júbilo de pesquisas desta natureza ocorre após intensas lutas travadas no interior de um sistema branco e hegemônico, que insiste em invisibilizar o discurso negro. Porém, defendemos que quanto mais escritores de origens diferentes forem disponibilizados ao público, mais produtivas serão as leituras da realidade e da diversidade que nos cercam.

Notamos que, no decorrer do estudo sobre a tradição e a cultura negra, e sobre as possibilidades tradicionais de divulgação da cultura oral, isto é, da contação de histórias à maneira tradicional, a indústria livreira tem se mostrado paulatinamente mais interessada em expor o conhecimento ancestral. Apesar das inúmeras barreiras mercadológicas a serem quebradas, há um gradativo crescimento de publicações e pesquisas acadêmicas que colocam o negro no papel de protagonista, ocupando o centro do discurso. Com isso, os rumos deste segmento literário afroidentificado apontam para um futuro auspicioso em termos de mercado, auxiliado pelas políticas públicas de valorização das camadas populares que ainda são subrepresentadas pela literatura nacional.

Todavia, ainda é sintomático que, editoras de grande porte resistam às

edições de temática tão segmentada quanto às poéticas orais afro-brasileiras. Mais intrigante ainda é a não resposta ou não adesão das editoras de pequeno porte às pesquisas acadêmicas sobre o assunto. Tal prerrogativa provém da dificuldade encontrada ao longo desta pesquisa em ter acesso ao bojo administrativo da Editora Pallas e da Editora Terceira Margem. O fato de as inúmeras tentativas de entrevista à editora Pallas e dos e-mails enviados à Terceira Margem terem sido rechaçados ou simplesmente ignorados pelos administradores prefiguram uma cadeia mercadológica mais afeita às atividades de produção e comercialização do que necessariamente preocupadas em sanar as inquietações de análises acadêmicas.

Pode ser que demore muitos anos até que a literatura afro-brasileira seja vista como uma manifestação artística orgânica, legítima e livre de preconceitos, tanto nos bancos acadêmicos quanto fora desses muros. Entretanto, a sociedade brasileira começa a despertar para novos olhares e realidades diferenciadas que influenciam ou são influenciadas pela literatura produzida por grupos marginalizados. O empoderamento dos afrodescendentes, as políticas públicas e as discussões em torno da temática são importantes para que produções literárias de grande valor cultural agregado, como as já citadas Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Solano Trindade, ajudem a quebrar as correntes do racismo institucional e velado presente no Brasil.

Produções artísticas do patamar de autores negros já consagrados foram e são importantes para que escritas e poéticas como as praticadas por Mãe Beata de Yemonjá e outros tantos artistas da voz literária possam se inserir no mercado, divulguem seus trabalhos e receberem a visibilidade que lhes é de direito, muitas vezes vilipendiados sob o véu da intolerância e da negação da cultura negra.

Ao longo da pesquisa, podemos perceber que, nas travessias interativas de letra e voz, o livro está se tornando um organismo aglutinador na divulgação da palavra falada de vertente negra. O desafio, porém, consiste nessa tecnologia não suplantar a tradição oral, mas em funcionar como elemento acessório àquilo que o conhecimento e a memória sempre fizeram com bastante competência: contar e recontar histórias.

Ao revés da dominação literária promovida no limiar do tempo por padrões europeus, podemos enxergar um aspecto positivo no livro de vertente afro-brasileira: torna-se um mecanismo de descolonização da leitura e, conseqüentemente, da literatura, em linhas gerais. Esclarecemos: o objeto livro funciona, em alguns casos,



como um mecanismo reforçador da cultura negra, responsável por (re)colocar em cena sujeitos até então suprimidos pela história. O espaço aberto pelo mercado editorial aos autores negros propicia novas discussões sobre a temática, faz com que a sociedade toque o dedo na ferida, recupere memórias esquecidas, ao mesmo tempo em que abre espaço para vozes silenciadas pelo processo sócio-histórico.

É fato, porém, que, para além do livro, a memória e a contação de histórias se constituem como a ferramenta mais eficaz para a manutenção dos costumes negros. Para os oralistas tradicionais, um retrospecto ao passado é uma maneira de se religar às suas origens e de se afirmar como sujeitos no presente. Ao colocar-se como narradora, detentora do saber iniciático, Yemonjá também se projeta como comandante de um grupo narrativo. O mítico e o mitológico, além do fator moralizante que compete a uma chefe sacerdotal, encabeçam a capacidade criativa da autora.

No capítulo quatro desta tese, onde analisamos os contos escritos por Mãe Beata de Yemonjá, constatamos que todo o conteúdo das narrativas orbita em torno de um universo híbrido e atemporal, por intermédio de uma estrutura comunicativa de fácil assimilação. Há contos muito breves, outros que se alongam um pouco mais, porém a composição é mantida em um patamar singelo, próprio da estrutura do conto popular, das lendas, mitos e fábulas. Nas histórias contadas por Yemonjá em suas duas coletâneas, a mística negra ganha ares de costumes simples do cotidiano quando em contato com elementos do conto popular e da oralidade.

Além de todo o aparato semântico e imagético presente no plano semiótico, no plano linguístico da prosa poética de Yemonjá encontramos uma estrutura comunicativa leve, muitas vezes cadenciada pelo ritmo da linguagem oral, com recursos de marcadores discursivos, rimas, prosódia e emprego de uma linguagem coloquial. O plano linguístico e o plano semântico são o tempo todo auxiliados pelo aroma da tradição oral, que perpassa as entrelinhas do discurso, deixando ao leitor o seu perfume.

Os enredos são, via de regra, retratados pela consciência do narrador, mas baseados em vozes diferentes, uma espécie de polifonia indireta que ajudou, ao longo da vida e das experiências particulares, a compor o escopo criativo da autora-narradora. Claramente, ao fazer isso, Yemonjá monopoliza o discurso e impõe sua presença ao leitor, entretanto, acompanhando a estrutura de um conto popular de origem oral, entendemos que o papel do narrador onisciente é de capital importância

para a manutenção da estrutura narrativa.

Em linhas gerais, notamos no discurso do narrador escolhido por Yemonjá qualidades e atributos de uma obra voltada, *a priori*, para leitores iniciados na religiosidade iorubana. Entretanto, em um segundo momento, entendemos que qualquer tipo de leitor pode ter acesso à leitura dos contos, pois a essência das narrativas é emprestada do imaginário popular. São histórias do povo, dos ancestrais, da mãe preta, da avó que gostava de contar causos aos mais novos, enfim, são temas de domínio público.

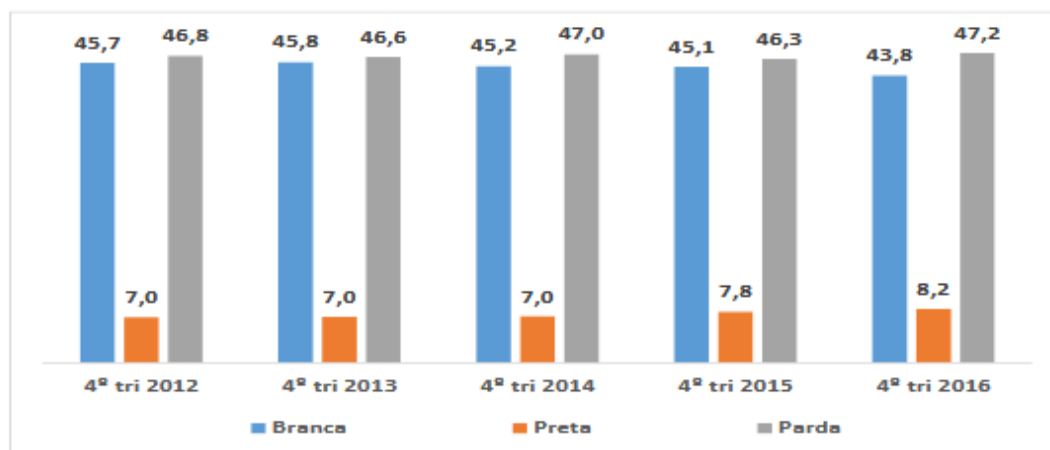
A facilidade linguística, a simplicidade semântica e a liberdade temática permitem que as narrativas se tornem emancipatórias, “pois incentivam a criatividade e o posicionamento crítico, convocando o leitor a uma tomada de posição face ao que lhe é apresentado [...]” (FERREIRA, 2009, p. 385), além de demonstrar a necessidade de cada indivíduo ter seu espaço no mundo e expandir a imaginação e nos colocar em contato com um ambiente familiar, dado que todos somos seres eminentemente narrativos.

Sabemos, após leituras realizadas para esta tese, que o antagonismo ou a anuência sobre o horizonte de expectativas é firmado por meio de um pacto entre obra e leitor. Essa relação provoca transformações no interlocutor, na medida em que ocorre aceitação, rejeição ou indiferença frente ao assunto abordado pelo autor.

A carga emancipatória desses contos também reside no fato de apresentarem simbolicamente a identidade e os anseios por visibilidade e representatividade do povo afrodescendente, sendo que esta parcela da população é maioria no Brasil. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do quarto trimestre de 2016, a população brasileira foi estimada em 206,1 milhões de pessoas. Dessas, 47,2% (97,3 milhões) se declararam de cor parda; 8,2% (16,8 milhões) de cor preta, totalizando 55,4% de população negra no país, contra 43,8% (90,2 milhões) de cor branca. O gráfico abaixo ilustra a evolução da distribuição da população total por cor ou raça, no 4º trimestre de 2012 a 2016, segundo amostragem do IBGE.

**Figura 23** – Indicadores IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)

Gráfico 32 - Distribuição da população total segundo a cor ou raça - Brasil - 4º trimestre - 2012-2016



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

**Fonte:** Disponível em:

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Caracteristicas\\_da\\_forca\\_de\\_trabalho\\_por\\_cor\\_ou\\_raca/Algumas\\_caracteristicas\\_da\\_forca\\_de\\_trabalho\\_por\\_cor\\_ou\\_raca\\_2016\\_04\\_trimestre.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca/Algumas_caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca_2016_04_trimestre.pdf). Acesso em: 1º ago. 2018.

Se assim podemos afirmar, o mérito da escritora consiste não apenas em suscitar a sobrevivência de suas obras no mercado editorial ou almejar lucro em cadeia por conta de uma alta vendagem de livros. Talvez o mérito maior resida na aceitação de suas coletâneas pelo público comum, haja vista que Yemonjá não visa a um leitor específico. Suas obras existem, em primazia, para levar adiante as raízes afro-matriciais, além de promover mais visibilidade para a população negra.

Compreendemos que o lugar da escrita e da arte literária como um todo não é dado às mulheres como algo natural. Aquelas que conseguem se sobressair o fazem à custa de muito trabalho e tempo, muitas vezes sendo reconhecidas apenas após a morte, como é o conhecido caso de Carolina Maria de Jesus, que teve sua escrita reconhecida *in memoriam*. É por essa razão que, no caso de Yemonjá, iniciou-se ainda em vida todo um aparato acadêmico de pesquisa. Os estudos sobre as publicações da autora tiveram início nos anos 2000, após a publicação de *Caroço de dendê*, como já citamos ao longo desta tese no que tange à fortuna crítica da autora.

Em termos simbólicos e de representação, a autora está o tempo todo promovendo a desconstrução de gênero, quebrando estigmas raciais e paradigmas

sociais. Sua escrita luta contra as barreiras instauradas entre o sistema hegemônico e a cultura das bordas, à mercê de um cânone eminentemente branco e masculino.

No que tange ao relacionamento entre autor, público e obra, entendemos que várias sensações podem ser despertados no leitor que entrar em contato com as narrativas de Yemonjá: medo, riso, indiferença, espanto ou acalanto, a depender da distância que o leitor está da obra ou mesmo do envolvimento particular que o interlocutor apresente pela afropoética.

Talvez o que nos chame mais a atenção neste estudo é o fato de as publicações de títulos afrodescendentes ainda terem pouco espaço frente ao mercado livreiro e, numa razão de causa ou consequência, inexistem pesquisas específicas que mensurem a demanda, a produção e a venda de obras dessa vertente, como vimos no decorrer desta pesquisa.

Apesar do visível espaço que a literatura negra tem conquistado nos estudos acadêmicos, há ainda profundas lacunas que, muitas vezes, são varridos para debaixo do tapete, no âmbito do sistema literário brasileiro e das pesquisas acadêmicas. Percebemos que os autores negros, especialmente aqueles que retratam a cultura oral e popular, estão inseridos em uma sociedade que valida seus parâmetros estéticos por meio da supressão étnica, sendo que a identidade brasileira é construída e reafirmada com base em padrões e valores da cultura branca. Portanto, mais do que nunca, faz-se imperioso mudar os mecanismos do sistema literário, mostrar a outras faces da moeda, das múltiplas culturas que englobam a identidade nacional, construída com o auxílio do negro, do indígena, das culturas populares em geral.

A linguagem oral proposta na contação de histórias de Yemonjá – que aqui representa um universo de autores e autoras afrodescendentes –, quando transformada em livro pelos processos editoriais, legitima a identidade afro-brasileira. Nos contos da autora, as esferas racional e afetiva são concebidas a partir da subjetividade autoral, como elementos complementares no que diz respeito à apreensão de sentido. O livro, como acessório, pode ainda se tornar mais um elemento performático na construção dos significados. Entretanto, há quem defenda veementemente o contrário, como enfatiza Ecléa Bosi (1986, p. 42):

A prática da escrita impressa teria isolado um sentido, a visão, numa só direção (linear) e teria atrofiado os demais sentidos, especialmente a audição. O ouvido, órgão receptor por excelência

nas sociedades arcaicas e primitivas, ter-se-ia embotado pela mecânica tipográfica dos últimos quinhentos anos da história ocidental. [...]. A escritura teria (e tem) agido como um fator isolante, arrancando o homem da sua comunidade verbo-oral, destribalizando-o, portanto.

É fato que na década de 1980, quando Ecléa Bosi escreveu essa passagem, o Brasil ainda não tinha dimensão da revolução tecnológica e editorial que estava por vir. Entretanto, é de se considerar que visões muito radicais são polarizantes e desconsideram o entremeio do processo de produção e circulação dos textos orais. Não podemos reter esse processo de tecnologização, mas precisamos, contudo, defender a manutenção dos costumes e da tradição oral que a escrita impressa teria isolado do homem com bases culturais verbais.

Chegamos, então, a uma encruzilhada, onde a melhor saída – longe dos conformismos da vida – talvez seja aceitar o que está posto: temos sociedades tradicionais, adeptas ao mecanismo de contação de histórias como arte e sobrevivência, mas que coexistem com as culturas tecnológica e de impressão. No âmbito das pesquisas em poéticas orais afro-brasileiras, os pesquisadores se dedicam a fazer com que ambas as culturas sejam consideradas, preservar a tradição oral em meio à cultura da selva de pedras e, para isso, respeitar a fusão entre as culturas oral e escrita.

Os diálogos e as tensões entre narrativas orais e mercado editorial recolocam os lugares de pertencimento e questionam os não lugares sentenciados pelo cânone, assim como trazem ao centro do debate populações situadas nas periferias existenciais. O ato de publicar livros desse segmento regurgita silenciamentos até então determinados pela sociedade e pelo sistema literário e coloca o interlocutor em contato com culturas muitas vezes subjugadas.

Nesse sentido, a impressão de contos orais projeta a voz poética a condição de objeto literário de fronteira. Localizada entre tradição, arte e produto de consumo, o conhecimento e a estética das poéticas orais são, por natureza, dicotômicos. Um produto literário da ordem dos contos de Yemonjá apresenta-se sempre em dualidade, seja de gênero (oral x escrito), seja em sua materialidade (voz x livro) ou mesmo na representatividade dos espaços sociais que os contos legitimam (grupos tradicionais x grupos letrados). Dessa maneira é que os contos orais em meio escrito precisam ser entendidos como fenômeno literário da contemporaneidade.

Ao longe, porém, a cultura erudita acena para um passado literário embalsamado pela crítica ou por aqueles que insistem no clássico como única representação estética e humana. Aqui, a cultura popular que nos interessa, fluida e embalada pelo frescor de vozes plurais, não pode ser endereçada ao avesso dos interesses do povo, de onde nasce e faz circular os costumes mais antigos. As formas que cabiam até aqui já não suportam mais categorizações ultrapassadas. É preciso enxergar na cultura oral a tradição que se renova, seja pela voz, seja pelos novos meios de divulgação. A presença da oralidade na cultura e na arte popular tem valor incontestado, por isso esta pesquisa não objetivou deturpar as manifestações poético-orais ou mesmo o mercado editorial, mas expor os dois lados da moeda.

Forças conjugadas são, portanto, voz e escrita. Combinadas entre si por manipulações humanas, a palavra se tornou mecanicamente complemento da letra. No entanto, a voz pode adquirir novos sentidos face às novas tecnologias e ser reconhecida como matéria-prima, elemento principal na recuperação da cultura oral e popular, e assim deixaria de ser coadjuvante para atuar como fonte principal nas produções literárias sobre a tradição oral afro-brasileira.

Para o futuro, não nos cabe previsões apoteóticas, não obstante todos os traços elencados até aqui levam a crer que a literatura negra – torcemos para que as poéticas orais e populares afro-brasileiras, também –, assumam com maior representatividade as paradas de sucesso nos estudos literários. Que pesquisas desta natureza sirvam como escopo para muitas outras e que, mais do que se digladiarem em lados opostos, mercado editorial e tradição oral se juntem em prol da manutenção e da preservação dos costumes dos negros brasileiros.

É possível que tratemos hoje de uma literatura periférica e à margem do cânone, mas que incita à revisão do sistema literário vigente. Falamos de um fazer literário inovador, que estimule outras reflexões. Além disso, esta tese se pauta na pesquisa que estimula a formação de um catálogo de novos escritores, com propostas literárias inovadoras, prontas a tirar o leitor de sua zona de conforto. Sabemos que esse sistema literário afro-brasileiro ocorre em paralelo ao institucional, pois retrata realidades que foram deixadas à margem ao longo da nossa história. Para tanto, as obras dessa vertente carecem de pesquisas e de abertura do mercado para circularem, serem lidas, apreciadas e reconhecidas.

## REFERÊNCIAS

### Livros citados

ADOLFO, Sérgio Paulo. As nações do candomblé. In: ANDREI, Helena Maria; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (Org.). **Caderno Uniafro 2: cultura afro-brasileira: construindo novas histórias**. Londrina: Eduel, 2007. p. 88-101. v. 2.

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier. Oralidade e literatura. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia; LEITE, Eudes Fernando (Org.). **Oralidade e literatura 3: outras veredas da voz**. Londrina: Eduel, 2007.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Paulo Geiger (Org.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Trad. Joseph Ki-Zervo. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARTHES, Roland. **O grão da voz**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. **Caso do blasfemo e legislação criminal**. Velho Testamento. São Paulo: Ave Maria, 2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Reis; Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 219-249.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**: literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARNEIRO, Antonio Joaquim de Souza. **Os mitos africanos no Brasil**: ciência do folclore. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife: Companhia Editora Nacional, 1937. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/os-mitos-africanos-no-brasil-ciencia-do-folclore/pagina/4/texto>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia. 1984.

\_\_\_\_\_. **Made in África**. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. **Contos tradicionais do Brasil para jovens**. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lendas brasileiras**. 11. ed. São Paulo: Gaia, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores para jovens**. São Paulo: Gaia, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

\_\_\_\_\_. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/330777510/Contos-Tradicionais-Do-Brasil-Luis-Da-Camara-Cascudo>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CAVIGNAC, Julie. Além da escrita: processos narrativos, cordel, transmissão oral no Nordeste. In: **Contaçon de Histórias**: tradição, poéticas e interfaces. Fabio Henrique Nunes Medeiros; Taíza Mara Rauen Moraes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 82-95.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.



COSTA, Haroldo. **Mãe Beata de Yemonjá**: guia, cidadã, guerreira. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 1.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EVARISTO, Conceição. Mãe Beata de Yemonjá. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 31-41. v. 2.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. Cultura e Poesia Oral: vozes da Hélade e das bordas. In: Nem fruta, nem flor. Regina Helena Machado Aquino Corrêa (Org.). Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 49-71.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**: estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: Fapema, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê, 2009.

GONÇALVES, Ana Beatriz. Preta, pobre, mulher: as muitas caras de Conceição Evaristo. In: LAHNI, Cláudia Regina et al. (Org.). **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: UFJF, 2009. p. 55-56.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALLEWELL, Laurance. **O Livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 2005.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 2.

\_\_\_\_\_. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83 – 132.

\_\_\_\_\_. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

JOLLES, André. **As formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

KNAPP, Wolfgang. **O que é editora**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).

LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico (Org.). **Oralidade e literatura**: outras veredas da voz. 3. ed. Londrina: Eduel, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1989. p. 281-321.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas**: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronaldo Polito; Sérgio Alcides. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho; Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo: neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. v. 1.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Contos e lendas afro-brasileiros**: a criação do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUEIROZ, Sônia. Um conta, outro aponta: voz, escrita e autoria. In: ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Na captura da voz**: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica/Fale/UFMG, 2004.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2009.

RAMANUSH, Nicolas. **Diálogo umbandista**. São Paulo: STS, 2002. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?printsec=frontcover&id=H4\\_eTa5o8EoC#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?printsec=frontcover&id=H4_eTa5o8EoC#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 5 fev. 2018.

RAMA, Angel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Barcelona: Siglo Veintiuno Editores, 2004.

RAMOS, Eurico. **Revedo o candomblé**: respostas às mais frequentes perguntas sobre religião. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**: 1960-1990. São Paulo: Com-Arte/Fapesp, 1996.

ROMERO, Silvio. **Contos populares do Brasil**. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1885. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6852>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**: como as grandes corporações decidem o que você lê. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SILVEIRA, Ênio et al. **Editando o editor** – Ênio Silveira. São Paulo: Edusp, 1992. v. 3.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África**: Pré-História ao século XVI. Brasília: Unesco/MEC/UFSCar, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUTO MAIOR, Mário. **Território da danação**: o diabo na cultura popular do Nordeste. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 120-165.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. **Histórias que a minha avó contava**. São Paulo: Terceira Margem/CESA – Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2004.

\_\_\_\_\_. **Caroço de dendê**: a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. Amalio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Tradição e esquecimento**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sueli Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sueli Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escritura e nomadismo**. Trad. Sonia Queiroz; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Ateliê, 2005.

### **Livros e Sites Consultados**

ALVES, Castro. **Navio negreiro**: tragédia no mar. São Paulo: Global, 2008.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros I: o postulado de uma trajetória. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Katia da Costa (Org.). **Gênero e representação**: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 67-73.

ANDREAZZA, Carlos. O papel do editor: além dos livros, pensar o mercado editorial. [Entrevista concedida a] Da Redação. **Administradores.com**. Disponível em:

<<http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/o-papel-do-editor-alem-dos-livros-pensar-o-mercado-editorial/90496/>>. Acesso em: 1º dez. 2015.

ANDREI, Helena Maria. A origem do mundo e dos homens: uma lenda Yorubá. In: ANDREI, Helena Maria; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (Org.). **Caderno Uniafro 2: cultura afro-brasileira: construindo novas histórias**. Londrina: Eduel, 2007, p. 70-87. v. 2.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, set. 1998.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 207-226. v. 2.

CARVALHO, Kelly Alessandra; GALEMBECK, Paulo de Tarso. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 6, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4100/2746>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 14 out. 2015.

CENDRARS, Blaise. **Pequenos contos negros também para crianças brancas**. Trad. Ana Maria Lisboa de Mello. São Paulo: L&PM, 1996.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **O mercado editorial brasileiro e a literatura de temática africana e afro-brasileira: análise comparativa dos catálogos de 2005 e 2008**. Disponível em: <[http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_antteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE\\_98.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_98.pdf)>. Acesso em: 7 out. 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Katia da Costa (Org.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 13-31.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a literatura brasileira ou afrodescendente. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Pós Literatura, 2002. p. 47-71.

\_\_\_\_\_. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Literafro**. Disponível em: <[https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura\\_Afro-brasileira\\_EDUARDO.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf)>. Acesso em: 7 ago. 2017.

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro**: passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=16&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwio6YGttPnbAhWCh5AKHarBB4AQFgh3MA8&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F6160270.pdf&usg=AOvVaw2G33ZJxHVKa6hBLjOL21e1>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Pró-Livro, 2012. v. 3.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. v. 4.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática/Francisco Alves, 1960.

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 439-457. v. 1.

LÉPINE, Claude. **Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô**. Marília: Unesp, 1980.

MACHADO, Irene. **O romance e a voz**: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago/Fapesp, 1995.

MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a voz. In: **ReVEL**, ed. esp., n. 2, p. 1-11, 2008. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_saussure\\_e\\_a\\_voz.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_voz.pdf)>. Acesso em: 27 Ago. 2015.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; SILVA, Esequiel Gomes da. A demonização de negros e novas-seitas no repente e na literatura de folhetos. In: RODRIGUES, André Figueiredo; AGUIAR, José Otávio (Org.). **História, religiões e religiosidade**: da antiguidade aos recortes contemporâneos, novas abordagens e debates sobre religiões. São Paulo: Humanitas, 2016. p. 311-330.

MESSIAS, Adriano. **Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão**. São Paulo: Biruta, 2005 (Série Contos para Não Dormir).

MEYHI, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Sankofa**: matrizes africanas da cultura brasileira. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PASSOS, Elizete. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis, BEZERRA, Katia da Costa (Org.). **Gênero e representação**: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 60-66.

PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PINHEIRO, Giovanna Soalheiro Pinheiro. As heranças africanas na narrativa de Mãe Beata de Yemonjá: mitologia, autoria, oralidade. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MaeBeataCritica02Giovanna.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. Tomo II.

RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. Literatura e sabedoria ancestral na obra de Mãe Beata de Yemonjá. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MaeBeataCritica01Felipe.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Org.). **Antologia da poesia negra brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

SEBASTIÃO, Walter. Editoras especializadas em cultura africana e afrobrasileira ampliam mercado com ficção e estudos acadêmicos. **UAI**, 19 maio 2014. Disponível em:

<<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2014/05/19/noticia-e-mais,154815/editoras-especializadas-em-cultura-africana-e-afrobrasileira-ampliam-me.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

SILVA, Pedro Henrique Souza da. Entre a mensagem e a comunicação: a “oralitura” de Mãe Beata de Yemonjá. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MaeBeataCritica04Pedro.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Èsù Èmi*: representações do orixá na literatura afro-brasileira. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MaeBeataCritica03Pedro.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SOUZA, Josiley Francisco de. **Do canto da voz ao batuque da letra**: a presença africana em narrativas orais inscritas no Brasil. 2012. 201 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP->

8R9H42/do\_canto\_da\_voz\_ao\_batuque\_da\_letra\_\_\_vers\_o\_final.pdf?sequence=1>. Acesso: 20 abr. 2016.

SOLANO Trindade. 2015. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/solano\\_trindade.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/solano_trindade.html)>. Acesso em: 1º abr. 2016.

TORRES, Bolívar. Nova no mercado, Malê promove escritores afro-brasileiros. **O Globo**, 19 nov. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/nova-no-mercado-male-promove-escritores-afro-brasileiros-20492363>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Trad. Joseph Ki-Zervo. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. 139-166.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

### **Monografias, dissertações e teses**

ALVES, Juliana Franco. **Voz, poesia e cultura: hibridação nas narrativas orais de *Caroço de dendê*, de Mãe Beata de Yemonjá**. 2010. 50 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tempos de griotizar a letra: em busca de uma poética da voz afrobrasileira em *Caroço de Dendê*, de Mãe Beata de Yemonjá**. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.



FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz em performance**: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira. 2006. 384 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Construindo histórias de leitura**: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. 2009. 456 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94050>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SILVA, Gloria Cecília de Souza. **Os “fios de contos” de mãe Beata de Yemonjá**: mitologia afro-brasileira e educação. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/2006\\_1-190-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_1-190-ME.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2018.

LEANDRO, Marcos Eduardo da Silva. **30 anos do Ilé Omiojuaró: arte, educação e ativismo nas redes de Mãe Beata de Iyemonjá**. Rio de Janeiro, 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_95eba93e3402141130967bba6f03767c](http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UERJ_95eba93e3402141130967bba6f03767c)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

### Artigos acadêmicos digitais

ALCOFORADO, Doralice Xavier. O conto popular. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 3, n. 5, p. 87-99, jan./jun. 1986. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/5/conto\\_popular.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/5/conto_popular.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2018.

CAPUTO, Stela Guedes; PASSOS, Mailsa. Cultura e conhecimento em terreiros de candomblé: lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p.93-111, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/caputo-passos.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

GARCIA, Flávio. Discursos contra-hegemônicos em *A varanda do Frangipani*, de Mia Couto: apropriações de estratégias de construção narrativa em favor do real animismo africano. **Miscelânea**, Assis, v. 19, p. 149-174, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v-19-art-9--flavio-garcia.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MIRANDA, Dilmar. Carnavalização e multidentidade cultural: antropofagia e tropicalismo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 125-154, out. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a07.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

PARADISO, Silvio Ruiz. Carço de Dendê (1997), de Beata de Yemonjá - a memória e identidade negra através das divindades iorubás. **Estação Literária**, Londrina, v. 8, p. 25-33, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25622>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista. **Estação Literária**, Londrina, v. 13, p. 268-281, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL13-Art18.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

PELLEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 49-77, jun. 2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10730/7962>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 66-76, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49272/53354>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

ROMANO, Valter Pereira. Os marcadores conversacionais na fala dos informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma abordagem sociolinguística. *Identidade Científica*, v. 4, p. 3-21, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ic/article/viewFile/857/1008>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

ZUMTHOR, Paul. A escrita e a voz (de uma literatura popular brasileira). **Plural Pluriel Revue des Cultures de Langue Portugaise**, Paris, n. 12, 2015. Trad. Idelette Muzart-Fonseca dos Santos. Disponível em: <[http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57)>. Acesso em: 7 nov. 2017.

### Entrevistas e Áudios Citados:

DUARTE, Eduardo de Assis. Herança Maldita. [Entrevista concedida a] Tony Oliveira. **Carta Capital**, 9 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/heranca-maldita>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Mary Maia. A menina que tentou bater na mãe e virou pedra. In: **Portal de Poéticas Oraís**. Disponível em: <<http://www.portaldepoeticasorais.inf.br/site/?pg=home>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

## Sítes de pesquisa

**Câmara Brasileira do Livro (CBL).** Disponível em: <<http://cbl.org.br/>>. Acesso em: 5 maio 2015.

**Editora Brasiliense.** Disponível em: <<http://www.editorabrasiliense.com.br/institucional.php>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Editora Melhoramentos.** Disponível em: <<http://editoramelhoramentos.com.br/v2/a-editora/historico/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Editora Terceira Margem.** Disponível em: <<http://terceiramargem.wix.com/d1>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

**FTD Educação.** Disponível em: <<https://ftd.com.br/a-ftd/a-historia/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).** Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/legislacao/item/399-apresenta%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 5 maio 2018.

**Grupo Companhia das Letras.** Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/sobre.php>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Grupo Santillana.** Disponível em: <<https://www.gruposantillana.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Ilê Omi Oju Arô.** Casa de Candomblé Ile Omiojuaro, de Mãe Beata de Iemonjá, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ileomiojuaro.com.br>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

**L&PM Editores.** Disponível em: <<https://www.lpm.com.br/site/default.asp>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Martins Fontes Editora.** Disponível em: <<https://www.wmfeditora.com.br/mfp/site2010/quemsomos.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**Ministério da Educação (MEC).** Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em: 4 maio 2018.

**Museu Afrodigital do Maranhão.** Disponível em: <<http://www.museuafro.ufma.br/site/>>. Acesso em: 12 Jul. 2016.

**Portal de Poéticas Orais.** Disponível em:  
<<http://www.portaldepoeticasorais.inf.br/site/?pg=home>>. Acesso em 12 fev. 2015.

**Pallas Editora.** Disponível em: <<http://www.pallaseditora.com.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

**Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).** Disponível em:  
<<http://www.snel.org.br/>>. Acesso em 20 Jun. 2016.

## **Dicionários**

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo.** Curitiba: Piá, 2011.